

FRONTEIRAS IMAGINADAS E IMAGINÁRIAS DO TRANSNACIONAL

Andréa Figueiredo Leão Grants*

Daniela Stoll**

Jair Zandoná***

Marina Siqueira Drey****

Stélio Furlan*****

Universidade Federal de Santa Catarina


Apresentamos, às leitoras e aos leitores da revista *Anuário de Literatura*, a segunda edição do ano de 2018, com textos que abordam literaturas provenientes de diferentes países (Brasil, Estados Unidos, Argentina, Portugal, Itália, Rússia e República Tcheca) e constituem, assim, uma proposta de transitar entre as fronteiras imaginadas e imaginárias do transnacional. Esse transitar aparece desde a capa, de Ricardo Henrique Wiggers, que trabalha com mapas, textos e cores para evidenciar contatos, conexões e continuidades, bem como para estabelecer nossa enunciação a partir do Sul Global.

Os textos aqui presentes possuem temática livre e foram organizados em quatro seções: *Ensaaios*, *Pesquisadores Docentes*, *Artigos* e *Entrevista*. Orgulhosamente abrimos este número com o ensaio de Regina Dalcastagnè, que faz uma importante reflexão sobre os desafios que o país enfrenta na contemporaneidade, intitulado *O que o golpe quer calar: literatura e política*




Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)


* Doutora e Mestre em Literatura pela UFSC. Bibliotecária do Sistema de Bibliotecas da UFSC. Integra a Comissão Editorial da *Anuário de Literatura*.

 <https://orcid.org/0000-0001-6533-3365>


** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Integra a Comissão Editorial da *Anuário de Literatura*.

 <https://orcid.org/0000-0001-8843-779X>


*** Doutor em Literatura pela UFSC. Integra a Comissão Editorial da *Anuário de Literatura*.

 <https://orcid.org/0000-0002-4301-9436>

**** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Integra a Comissão Editorial da *Anuário de Literatura*.

 <https://orcid.org/0000-0002-6894-5567>

***** Doutor e Mestre pela UFSC. Atualmente é Professor Associado junto ao DLLV/UFSC. Um dos editores da revista *Anuário de Literatura*.

 <https://orcid.org/0000-0002-5479-231X>

no Brasil hoje. A autora argumenta a respeito das imposições que se estabelecem tanto contra os direitos e as formas de expressão das minorias, de suas vozes e de suas formas de pensar e reinterpretar o mundo, quanto

[...] contra o ensino público, contra a liberdade de expressão e de cátedra, contra o pensamento crítico, contra nossos sonhos de justiça. Por isso mesmo, mais do que nunca, precisamos estar atentos às vozes que eles querem calar, ao que essas vozes têm a nos dizer, ao que elas acrescentam na compreensão de nossa realidade e em termos de ampliação dos recursos estéticos disponíveis para reinterpretar o mundo. (DALCASTAGNÈ, 2018, p. 14)

Assim, nessa direção, a literatura persiste como uma forma de contraponto e resistência, interlocução e abrigo, como bem defende a autora.

Na seção *Pesquisadores Docentes*, o primeiro artigo é de Maria Eunice Moreira e Fábio Varela Nascimento. Em *Érico Veríssimo e Manoelito de Ornellas: relações literárias em epístolas*, elabora-se uma análise de quatro correspondências enviadas por Veríssimo a Ornellas, nos anos de 1943 e 1944, a respeito de, entre outros assuntos, questões relativas ao processo de escrita das conferências que compuseram *Breve história da literatura brasileira*.

Na sequência, Nírcia Borges Teixeira propõe uma aproximação entre a poesia do brasileiro Manoel de Barros e a ilustração da artista contemporânea, também brasileira, Brunna Mancuso, no artigo *Leitura caleidoscópica da natureza: o encontro de Barros e Mancuso*. O texto considera as relações entre essas duas diferentes formas de expressão artística e levanta semelhanças entre as obras em questão.

Já em *A infância nas canções de Chico Buarque: da fantasia ao abandono*, Luciano Dias Cavalcanti analisa as duas maneiras com que o compositor brasileiro aborda a infância em suas canções: ora através do universo da fantasia e do sonho, ora por meio de referências a infortúnios, pobreza e abandono.

Para fechar a seção, Jean Felipe de Assis escreve sobre as noções de espaço em três obras do argentino Jorge Luis Borges. O texto, intitulado *Maravilhamento, perplexidades racionais e limites da representação: Infinito e o Espaço para o Inefável em “El Aleph”, “El Libro de Arena” e “La Biblioteca de Babel” de J. L. Borges*, aborda os modos com que o autor explora a abstração do infinito.

A seção *Artigos* se inicia com o texto de Bruno Macêdo Mendonça, *Um coelhinho na garganta: o absurdo como recorte do insólito ficcional*, que problematiza a impossibilidade de analisar certas obras, do gênero que o autor chama de *absurdo*, segundo quaisquer dos parâmetros conceituais atribuídos aos subgêneros do insólito ficcional (Maravilhoso, Realismo Mágico ou Fantástico). Para embasar sua investigação, o autor apresenta cinco narrativas contemporâneas de diferentes partes do mundo: Nikolai Gógol (Rússia), Franz Kafka (República Tcheca), Mário de Carvalho (Portugal), Murilo Rubião (Brasil) e Julio Cortázar (Argentina) delinham a cartografia literária proposta por Bruno Mendonça em sua investigação.

Em seguida, Gisele Maria Nascimento Palmieri analisa, a partir do conceito de

paratopia, dois romances policiais da década de 1960, escritos pelo italiano Leonardo Sciascia. O conceito foi criado pelo linguista francês Dominique Maingueneau e faz referência a um não lugar que é tanto condição quanto produto da obra literária. Para Maingueneau, “a existência social da literatura supõe ao mesmo tempo a impossibilidade de ela se fechar em si mesma e a de se confundir com a sociedade ‘comum’, a necessidade de jogar com esse meio-termo e em seu âmbito” (MAINGUENEAU, 2016, p. 92). Este artigo é intitulado *A paratopia nos romances policiais de Leonardo Sciascia*.

Jefferson de Moura Saraiva, por sua vez, traz o artigo *Luxúria Dolorosa: Status e Consumismo em American Psycho*, em que parte do estudo do escritor Alain de Botton, a respeito da relação entre status e ansiedade, para analisar o romance *American Psycho*, do estadunidense Bret Easton Ellis. O romance se passa na década de 1980, em Nova Iorque, e permite reflexões sobre a mente consumista e a luxúria.

Em *A crítica literária de Álvaro Lins*, Flávia Aparecida Hodas investiga a forma como o brasileiro Álvaro Lins concebia o trabalho da crítica literária, entre as décadas de 1940 e 60, através de uma série de textos meta-críticos em que o autor expõe as principais características que devem envolver o ato crítico:

Sabemos que a crítica não é só impressionismo, não é só apreciação ou julgamento no plano subjetivo. Não é somente uma arte. Por outro lado, porém, ela não pode se fechar aos limites de um seco objetivismo, não pode ser uma prisioneira das leis e dos conceitos de outras ciências. A crítica se forma de uma união mais complexa de elementos objetivos e subjetivos. Existe necessariamente uma ciência da literatura que exige conhecimentos especializados e metodologia própria. [...] O verdadeiro crítico há de ser um erudito e um impressionista; esta síntese é que faz da crítica uma obra criadora dentro da literatura. [...] o escritor crítico é um criador de ideias. (LINS, 2012, p. 50)

A investigação de Hodas é pensada também como um meio de compreender o desencantamento que envolve a crítica literária na contemporaneidade.

Seguimos com o artigo de Guilherme Mazzafera e Silvia Vilhena: *Fisiologias em contradança: uma leitura de “A desejada das gentes”, de Machado de Assis*. A leitura que o autor faz do conto parte da imprecisão do narrador, o Conselheiro, que revela mais sobre seus próprios anseios e intenções do que sobre Quintília, a amada a quem retrata. Ou seja, um gesto tipicamente machadiano, que demanda a participação ativa dos leitores e leitoras. A proposta do autor do artigo é que a figura de Quintília é sublimada e dessexualizada pela narrativa do Conselheiro, que detém a posse exclusiva de enunciar e explicar. Para tanto, o artigo dialoga com os conceitos freudianos de luto e sublimação.

Em *O Desevangelho de Teodorico Raposo: o riso e a desconstrução do texto bíblico em “A relíquia”, de Eça de Queirós*, escrito por Charles Vitor Berndt e Salma Ferraz, temos a análise de uma novela que explora o gênero fantástico e constrói uma intertextualidade com o texto bíblico, ao mesmo tempo em que inclui uma crítica social e um tom irônico que desconstruem os falsos moralismos da sociedade portuguesa do século XIX. O texto do escritor

português é pensado, neste artigo, através da Teopoética e da Teologia do Riso, de modo que o humor e as alegorias de Eça de Queiroz sejam entendidos como uma forma de dessacralização do texto bíblico e como uma crítica à religião enquanto instituição. Para argumentação sobre a Teologia do Riso, os autores dialogam com o pesquisador André Luiz da Silveira:

O humor e o riso corroboram com a construção de uma visão de mundo, permitindo que através do riso se construa novos pontos de vista, exercício da imaginação e novas concepções de aspectos divinos e sua relação com o ser humano, sua fé e suas dúvidas. No que se refere ao humor e ao riso ligados ao textos bíblico, não se trata de uma forma de fuga e afastamento do que está escrito na Bíblia, mas sim outro olhar sobre a obra literária – não somente sagrada, e a autopermissão de se questionar e aprofundar alguns conceitos a partir da leitura realizar através do humor (SILVEIRA, 2016, p. 45).

É também sobre a literatura portuguesa que se debruça Lara Leal, no artigo *A Reinvenção do mundo por Sophia de Mello Breyner Andresen*. Aqui, a temática da viagem é problematizada com relação ao duplo movimento de reler a tradição e, ao mesmo tempo, romper com ela. Diante do novo período de democratização e modernização da sociedade portuguesa pós-revolução dos cravos, cabe questionar a forma como os grandes feitos de expansão marítima serviram para legitimar a continuidade da ideologia colonial. Assim, a autora do artigo parte da obra da poet Sophia de Mello Breyner Andresen e propõe as perguntas: como redefinir o imaginário simbólico do país sem apagar sua história de feitos e conquistas? Como recontar esta mesma história, mas agora sobre novas bases – a da democracia?

Ainda com a temática da literatura portuguesa temos o artigo *Guerra e trauma no romance “A última canção da noite”, de Francisco Camacho*, cujo autor é Diogo Duarte do Prado. Em diálogo com Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, entre outros, o texto aborda os traumas do personagem do romance, resultantes da guerra civil da Jugoslávia, na década de 1990, com a qual ele se vê envolvido através de ligações familiares. Aqui, então, fechamos a seção *Artigos* desta edição.

Por fim, concluímos com uma entrevista de Carlos Heitor Cony, conduzida por Eduardo Luiz Baccarin-Costa. Ocorrida em 16 de agosto de 2016, esta foi a última entrevista dada por Cony a um acadêmico e a penúltima de sua vida. O autor, que faleceu em 2018, aos 91 anos, é considerado um dos precursores da literatura de resistência à Ditadura. Suas crônicas questionavam o golpe de 1964 e os abusos dos militares. Em 1966, Cony foi preso com outros sete intelectuais após vaiarem e protestarem contra o presidente Castelo Branco. É na cadeia que ele começa a escrever *Pessach: a travessia*, uma obra de resistência. O título da entrevista que trazemos nesta edição é *Carlos Heitor Cony e Paulo Simões: a mudança estética de autor e personagem em Pessach: a travessia*.

É simbólico que tenhamos aberto e encerrado esta edição com dois textos que versam sobre golpes, o do passado e os do presente. Reafirmamos, assim, a esperança de que a história não se repita e a certeza de que somos resistência.

Gostaríamos de agradecer a participação das autoras e autores que compõem esta edição, bem como à Equipe do Portal de Periódicos da Biblioteca Universitária da UFSC pelo apoio e

orientação sempre dispensados à Anuário de Literatura nestes 10 anos de existência predominantemente em formato digital da revista.

Referências

LINS, Álvaro. *Sobre crítica e críticos: ensaios escolhidos sobre literatura e crítica literária, com algumas notas de um diário de crítica*. Organização de Eduardo César Maia e apresentação de Lourival Holanda. Recife: Cepe, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SILVEIRA, André Luís da. Manifestações humorísticas e subversivas a partir do texto bíblico: um panorama. In: FERRAZ, Salma., et al. *Teologia do riso: humor e mau humor na Bíblia e no Cristianismo*. Campina Grande: EDUEPB, 2016.

